

# V SIMPÓSIO INTERNACIONAL MÚSICA E CRÍTICA

Actua' idades

## O ESPECTADOR... AUSENTE



— Ir ao teatro para que? Teria de gastar um dinheiro ao gatinho por todas as peças. Assim, apenas com a despesa dos com róis do jornal, sei mais! Não ao contrário: o erro de toda peça, como ainda me divertia a ler as discussões dos actores e as críticas e dos críticos com toda a gente!...

22 e 23 de Novembro  
2021

Evento virtual pelo canal:



Simpósio Internacional  
Música e Crítica

# CADERNO DE RESUMOS



## Comissão Organizadora

Prof. Dr. Luiz Guilherme Goldberg – Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Ciências Musicais, da UFPel

Ac. Amanda Oliveira de Souza – Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Ciências Musicais, da UFPel

## Comissão Científica

Prof. Dr. Alberto Pacheco (UFRJ)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Guiomar Rego Souza (UFG)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Liberal (Politécnica do Porto - Portugal)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edite Rocha (UFMG)

Prof. Dr. Luís Fernando Hering Coelho (UFPel)

Prof. Dr. Lutero Rodrigues (UNESP)

Prof. Dr. Rafael Noleto (UFPel)

Prof. Dr. Werner Ewald (UFPel)

## Moderadores

PALESTRA 1 – Prof. Dr. Luiz Guilherme Goldberg (UFPel)

PALESTRA 2 – Ac. Amanda Oliveira de Souza (UFPel)

PALESTRA 3 – Prof. Dr. Luiz Guilherme Goldberg (UFPel)

MESA 1 – Prof. Dr. Alberto Pacheco (UFRJ)

MESA 2 – Prof. Dr. Werner Ewald (UFPel)

MESA 3 – Prof. Dr. Rafael Noleto (UFPel)

MESA 4 – Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Guiomar Rego Souza (UFG)

MESA 5 – Prof. Dr. Luís Fernando Hering Coelho (UFPel)

MESA 6 – Prof. Dr. Leandro Maia

MESA DE ENCERRAMENTO – Ac. Amanda Oliveira de Souza (UFPel)

## Caderno de Resumos

Ac. Rebeca Klippel Brehm (UFPel) – arte da capa, organização e formatação

# PALESTRAS

## O injusto esquecimento de um personagem enigmático

*Lutero Rodrigues*

*UNESP – luterodrigues@gmail.com*

### **Resumo**

Quanto mais nos aproximamos da Crítica artística e musical praticada no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, mais nos deparamos com seus textos, sempre presentes, principalmente se conhecemos o suficiente para desvendar seus diversos pseudônimos, uma das razões de seu desconhecimento, que o passar do tempo só faz piorar. Sem tal conhecimento, nosso primeiro contato com o autor nos trouxe dúvidas sobre sua identidade. Isso ocorreu quando realizávamos a pesquisa para o Doutorado, sobre a relação dos modernistas, em especial Mário de Andrade, com a memória de Carlos Gomes. Alguns dos textos mais lúcidos, encontrados na *Revista Musical e de Bellas Artes*, continham somente as iniciais A. C. denunciando sua autoria. Em sua época, deveriam bastar para identificar alguém que exerceu importantes funções na imprensa do Rio de Janeiro durante ininterruptos 20 anos, porém o efeito do tempo atuando sobre nossa frágil memória cultural, mesmo recorrendo às principais obras de referência, impossibilitou que chegássemos ao nome do autor naquele momento.

Pensávamos ... quem dos nossos, então conhecidos, colaboradores da *Revista* poderia assim assinar, demonstrando também conhecer tão bem a vida musical de Lisboa e seus críticos musicais? Nosso pouco conhecimento da imprensa carioca à época, e daquela época, fez-nos chegar a hipóteses fantasiosas, mirabolantes, mas distantes da verdade. Com o passar dos anos, pouco a pouco, fomos percebendo que tínhamos a companhia de outros pesquisadores brasileiros contemporâneos que também tiveram dificuldades para identificar as iniciais de seu nome, assim como seus pseudônimos e suas respectivas iniciais. Descobrimos ainda que fora da musicografia, na área de arquitetura e artes visuais, encontrávamos mais informações sobre ele e os diversos nomes que o representavam. Foi assim que acompanhamos suas atividades em Minas Gerais, tendo deixado o Rio de Janeiro ao início de 1893; passou a viver por alguns anos em Ouro Preto, capital anterior daquele estado, indo terminar seus dias em São Paulo, onde ainda atuou na grande imprensa por mais alguns anos e faleceu. Este personagem, antes brilhante e respeitado por seus pares de maior valor, foi Alfredo Camarate (1840-1904).

Nascido em Portugal e tendo feito sua múltipla formação ali mesmo, em Paris, Londres, e viajado pelo mundo, veio para o Brasil em 1872, não se sabendo muito sobre sua vida pregressa. Mesmo aqui levou vida discreta, ocupando-se de sua vasta produção escrita: crítico de artes visuais, incluindo a Arquitetura; crítico musical, compositor e até arranjador e regente de banda, no período em que trabalhou como arquiteto, na construção da cidade de Belo Horizonte, sendo também cronista da própria construção em jornais locais; por fim, cronista de alguns jornais de São Paulo, já com a saúde debilitada, onde esteve próximo a Luigi Chiaffarelli, entre outros. Por certo, esta grande diversidade das áreas de atuação não teria sido somente por livre escolha, mas por imposições da própria sobrevivência.

# Por uma periodização da crítica musical no Brasil

André Egg

UNESPAR - andre.egg@unespar.edu.br

## Resumo

Uma discussão da história da crítica musical no Brasil propondo uma periodização em quatro momentos, levando em consideração o estado atual das pesquisas. A periodização é proposta segundo critérios em relação com questões como: características sociológicas, tecnológicas e mercadológicas da imprensa no Brasil; lugar social da música de concerto e seus principais críticos; lugar social da música popular mediatizada e seus principais críticos; relação entre crítica musical e produção de compositores e músicos, circulação das obras musicais e público consumidor.

---

## A recuperação de óperas setecentistas portuguesas através da crítica: aspectos históricos, interpretativos e ideológicos

Cristina Fernandes

Universidade NOVA de Lisboa - cristina.fernandes@fcsh.unl.pt

## Resumo

A recuperação musicológica e consequente estreia moderna de óperas setecentistas da autoria de compositores portugueses ao longo do século XX limita-se a cerca de uma dezena de títulos, sendo a sua presença nas temporadas do Teatro Nacional de São Carlos de Lisboa e de outras instituições ligadas à actividade musical bastante esporádica, quando comparada com o repertório do cânone lírico internacional. Entre as óperas do século XVIII resgatadas dos arquivos e bibliotecas que subiram aos palcos lisboetas no último século encontram-se *O Amor Industrial*, de João de Sousa Carvalho (1943); *Ouro não Compra Amor*, de Marcos Portugal (1953); *Penélope* (serenata), de João de Sousa Carvalho (1955); *A Vingança da Cigana*, de António Leal Moreira (1964); *La Spinalba*, de Francisco António de Almeida (1965); *As Guerras do Alecrim e Manjerona*, de António Teixeira (1972); *As Variedades de Proteu*, de António Teixeira (1982); *Lo Spirito di Contradizione*, de Jerónimo Francisco de Lima (1985); *Testoride Argonauta* de João de Sousa Carvalho (1987); e *As Damas Trocadas*, de Marcos Portugal (1994). Trata-se de um universo bastante circunscrito, que nos permite analisar de que forma os discursos críticos em torno deste repertório se foram transformando ao longo do tempo e o modo como reflectem aspectos histórico-culturais, práticas e tradições interpretativas, e convicções ideológicas. Serão igualmente tidos em conta o perfil dos críticos envolvidos e o papel da imprensa em geral na promoção, divulgação e recepção destas obras resgatadas do passado, apresentadas ao mesmo tempo como novidade e como peças relevantes da história da música em Portugal que aspiram a encontrar um lugar junto do público, dos intérpretes e das próprias instituições que as promovem.

# AUTORES

## (Curriculum vitae)

### PALESTRA 1

**Lutero Rodrigues:** Nascido em 1950, estudou música no Brasil e Alemanha. Tem Mestrado (UNESP) e Doutorado (USP) em Musicologia. Sua Tese de Doutorado, sobre o compositor Carlos Gomes, recebeu o Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música – 2010 e tornou-se livro, em 2011 (Editora UNESP). Foi regente de diversos coros, destacando-se o Madrigal Klaus-Dieter Wolff e diversas orquestras, com destaque para a Sinfonia Cultura – Orquestra da Rádio e TV Cultura que priorizou o repertório brasileiro. Há mais de 40 anos dedica-se à pesquisa de música brasileira, o que resultou em inúmeras publicações. Em 2002, foi eleito membro da Academia Brasileira de Música, e em 2010, tornou-se Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo.

### PALESTRA 2

**André Egg:** Licenciado em Música pela antiga EMBAP, hoje UNESPAR, Mestre em História pela UFPR e Doutor em História Social pela USP. É professor da UNESPAR, nos cursos de Licenciatura em Música e Bacharelado em Música Popular, com disciplinas de História da Música e Música no Brasil. É professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Música da UNESPAR (linha de pesquisa Música, Cultura e Sociedade) e no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR (linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa). Um dos organizadores do livro "Arte e política no Brasil" (Editora Perspectiva, 2014). Organizador do livro "Música, cultura e sociedade: dilemas do moderno" (Editora CRV, 2016). Autor do livro "A formação de um compositor sinfônico: Camargo Guarnieri entre o modernismo, o americanismo e a boa vizinhança" (Editora Alameda, 2018). Tem orientado pesquisas sobre crítica musical e temas correlatos em nível de Graduação, Mestrado e Doutorado.

### PALESTRA 3

**Cristina Fernandes:** Investigadora contratada no INET-md, Universidade Nova de Lisboa. Entre 2011 e 2017 realizou um pós-doutoramento sobre as práticas musicais e o cerimonial da Capela Real e Patriarcal de Lisboa (1716-1834), com uma bolsa da FCT, e entre 2015 e 2017 coordenou a linha temática do INET-md "Abordagens Históricas à Performance Musical". Faz parte das equipas dos projectos *PerformArt-Promoting, Patronising and Practising the Arts in Roman Aristocratic Families (1644-1740)* (CNRS, ÉFR-Rome, financiado pelo ERC) e *MUSIN-La música como interpretación en España: historia y recepción (1730-1930)* (Univ. de La Rioja) e é co-IR do projecto *PROFMUS-Ser Músico em Portugal: a condição sócio-profissional dos músicos em Lisboa* (NOVA FCSH/FCT). É autora de vários livros e artigos sobre a música e a cultura no século XVIII, entre outros temas, e é crítica de música do jornal Público. Recentemente, coordenou (c/M. A. Aguilar Rancel) o volume intitulado *A imprensa como fonte para a história da interpretação musical* (BNP, INET-md, 2021).



# COMUNICAÇÕES

## MESA 1

### A construção da imagem do artista através da crítica jornalística - o caso Vera Janacopulos

*Anne Meyer*

*UNIRIO/UFRJ – annemey@hotmail.com*

#### **Resumo**

Desde os primeiros anos de sua infância, por motivo de morte materna, a soprano Vera Janacopulos, nascida em Petrópolis/RJ, passou a viver na Paris do início do século XX, polo de efervescência cultural da Belle Époque. Neste cenário musical, desenvolveu as suas habilidades artísticas, travando conhecimentos com a vanguarda musical do período. A sua atuação junto ao núcleo de produção musical russa atuante na capital francesa de então (principalmente os compositores Igor Stravinsky e Sergei Prokofiev, com quem estabeleceu profundos laços de amizade), propiciou-lhe papel de destaque, que se traduziu em concertos de relevância que impulsionaram a carreira da cantora. E, subsequentemente, a partir do estabelecimento de laços de convívio com demais músicos da dianteira musical que coabitavam Paris (ela somou ao seu rol de amigos pessoais músicos como Manuel de Falla, Francis Poulenc e Darius Milhaud - dentre outros) a cantora agregou ao seu repertório composições das vertentes musicais espanhola e francesa contemporâneas em curso naquele meio musical, ampliando o seu espaço de atuação. À documentação inédita contida no acervo que pertenceu à cantora, atualmente sob a guarda da Biblioteca Central da UNIRIO, foi somado um extenso levantamento em hemerotecas e arquivos. As quase 5.000 citações e críticas musicais em jornais nacionais e estrangeiros que pudemos obter, salvaguardam a história da cantora, desde os seus concertos estudantis até o seu post-mortem, quando foi criado, por seus alunos e admiradores, o Círculo Vera Janacopulos. Através destes registros podemos perceber a importância artística da cantora, seja através do quantitativo de concertos realizados em importantes salas de espetáculos das capitais da Europa, América do Norte, América do Sul e Ásia, seja através de músicos, maestros e orquestras de notabilidade reconhecida naquele momento musical. No entanto, mais do que isto, pudemos perceber como a crítica jornalística foi utilizada, de forma intencional pelo agente comercial da cantora, na construção da sua identidade específica enquanto musicista (dedicação à música de câmara) e na consolidação de sua trajetória artística (vinculação às correntes musicais de vanguarda). Através dos conceitos de campo e trajetória, desenvolvidos pelos sociólogos Norbert Elias e Pierre Bourdieu, agregados a outros correlacionados à Nouvelle Histoire e à Micro-história, pretendemos discutir o a imprensa e a crítica musical como fator de relevância para a consolidação da carreira artística de Vera Janacopulos, em específico, e de artistas, em geral.

**Palavras-chave:** Vera Janacopulos. Crítica Musical. Música século XX. Construção de trajetória artística. Redes de sociabilidade.

---

## **Arnulpho Mattos: atuação e inserção social de um compositor capixaba a partir da análise de notícias da imprensa periódica local.**

*Carlos Fernando Secomandi*  
FAMES - fernandosecomandi@gmail.com

*Edilson Assunção Rocha*  
UFSJ - ediassuncao@hotmail.com

### **Resumo**

A investigação musicológica em acervos de manuscritos musicais descortina uma série de transversalidades disciplinares que permitem avaliar o objeto de estudo além dos seus aspectos estilísticos. A criação da obra musical acontece num campo social em um constante diálogo entre o autor e a sociedade que a demanda, gerando testemunhos documentais em múltiplos suportes, notadamente aqueles produzidos pela imprensa periódica.

A esse respeito BIASON postula que a pesquisa sobre determinado compositor e a sua produção “[...] nunca deverá se ater somente aos aspectos mais superficiais de sua vida nem tampouco a aquilo que esteja diretamente ligado à sua atividade musical [...] Parcialidades costumam induzir ao erro e o músico ou a obra devem ser estudados em um contexto histórico largo.” (BIASON, 2008).

Estabelecidos esses pressupostos propomos analisar a produção musical do compositor capixaba Arnulpho Mattos, composta por um conjunto de obras remanescente de seu acervo documental, confrontado com seus aspectos biográficos e informações da imprensa sobre a vida musical no Espírito Santo, mormente na capital Vitória, no início do novecentos. O Maestro Arnulpho José de Mattos (1877-1972), nascido em Cachoeiro do Itapemirim, ES, no decurso de sua longa vida legou uma obra única para a cultura capixaba. Desde a sua infância, ainda no período escravocrata até sua aposentadoria na era Vargas, desenvolveu intensa atividade musical junto à sociedade de sua época. Pedagogo por profissão, o Maestro, exímio musicista, esteve presente em muitos momentos solenes e instâncias da vida musical da cidade de Vitória até a primeira metade do séc. XX. Ocupante de vários cargos públicos, civis e religiosos, atravessou diversos governos em constante atividade composicional da qual restou um acervo de manuscritos musicais bastante fragmentado. Com cerca de 40 títulos, esse acervo de partituras revela uma obra inserida funcionalmente no tecido social, apresentando considerável diversidade de títulos: Música de Câmara, Sacra, Vocal, para Orquestra, Banda de sopros, Hinos e Canções cívicas e patrióticas, além de Música de salão. Notícias contemporâneas ao autor presentes na imprensa periódica local, possibilitam vislumbrar um cenário abrangente, demonstrando o seu prestígio como músico e a valorização de seu trabalho pela sociedade de sua época, solicitado regularmente em cerimônias de toda natureza. Essas informações em periódicos são valiosas, pois permitem identificar pessoas do seu círculo, artistas com os quais trabalhou, formações instrumentais, natureza dos eventos e uma série de outros dados que ainda não puderam ser levantados de outra forma. É o caso de obras noticiadas, mas que não foram encontradas no acervo do compositor, apontando para um catálogo de maiores dimensões. A partir das notícias veiculadas pela imprensa de seu tempo, tendo como pano de fundo sua produção musical constante em seu acervo e os preceitos metodológicos da Nova História, pretende-se com esse trabalho construir o panorama da atuação do compositor e sua inserção no contexto social de sua época, dando a divulgar a vida e a obra deste notável, mas ainda pouco conhecido músico capixaba.

**Palavras-chave:** Arnulpho Mattos. Compositor capixaba. Imprensa periódica. Biografia. Musicologia.

---



## As críticas ao elenco radiofônico pela Coluna No DIAL do Jornal A Crítica, Manaus-AM (1949 a 1950)

*Lucyanne de Melo Afonso*  
UFAM - lucyanneafonso@ufam.edu.br

*Rosemara Staub de Barros*  
UFAM - rosemarastaub@ufam.edu.br

### Resumo

O artigo descreve as representações dos cantores de rádio na perspectiva da Coluna No DIAL, do periódico A Crítica, entre os anos 1949 e 1950 em Manaus-AM, apresenta uma contradição com o jornal do Commercio em que noticiava o talento vocal e as habilidades musicais. A grade de programação das emissoras de rádio de Manaus estava constantemente sendo anunciada nos periódicos locais e na Revista do Rádio (nacional). A Rádio Baré era a única emissora em Manaus que fazia parte dos Diários Associado de Assis Chateaubriand permitindo ter uma estrutura padronizada, apresentações de artistas do eixo Rio-São Paulo, a divulgação em jornais e na Revista do Rádio Nacional. Quando lemos as notícias sobre o elenco das emissoras no Jornal do Commercio, tudo é esplendoroso. No jornal A Crítica, na coluna No DIAL, havia as críticas ao elenco e à programação das rádios. A linguagem do Jornal do Commercio, por fazer parte dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, além de institucional, estava atrelada a um ciclo de mercado e consumo: a notícia como venda dos produtos. O Jornal A Crítica, por sua vez, detalha as relações de conflitos existentes do cotidiano artístico radiofônico, nem tudo eram flores no Olimpo Vale Amazônico. A Coluna No DIAL diariamente até meados de 1954 apresentava o cotidiano radiofônico de outra forma: A coluna apresentava fatos relacionados aos espaços, compromissos e performances dos artistas, alguns são elogios e muitos outros são críticas duras que podem custar a imagem e a carreira do elenco. Apresentaremos algumas críticas levantadas no jornal A Crítica para conhecer que nem tudo era encanto, facilidade e luxo. Neste contexto, havia descompromisso, falta de estrutura e musicalidade, isto definia as trajetórias individuais dos artistas e as trajetórias coletivas numa perspectiva das emissoras das rádios e suas audiências. Compromisso, comportamento, performance, espaços e valorização eram palavras-chaves para o direcionamento das críticas e que perfaziam as trajetórias dos artistas e das rádios. Neste período citado, o elenco poderia ter outra função ou mesmo a concepção começou a mudar: os artistas começaram a fazer seus próprios trabalhos particulares, os clubes estavam realizando mais shows, a organização da estrutura cultural do meio artístico também modifica ao passo que os espaços se alteram e assumem novas funções. As regras da arte são claras e evidentes num processo de construção de trajetórias, da idealização e concepção da prática artística, da subjetividade das representações individuais e coletivas e das relações existentes dentro do campo correspondente.

**Palavras-chave:** Rádio na Amazônia. Cotidiano musical radiofônico. Cantores de rádio. Música em Manaus. Crítica e música em Manaus.

---

# MESA 2

## A repressão ao Samba em jornais cariocas do início do século XX

*Alexei Alves de Queiroz*  
UNB/UDESC – alexeisp@yahoo.com.br

*Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas*  
UDESC – sergio.freitas@udesc.br

### **Resumo**

Nos textos sobre a história do Samba e em depoimentos de sambistas é recorrente a afirmação de que esse gênero e seus participantes sofreram perseguição policial durante o início do século XX, chegando ao ponto de Sandroni (2001) afirmar que esta perseguição se tratava de um “lugar co-mum” no discurso sobre o Samba. Mais recentemente, porém, esta avaliação tem passado por maior escrutínio de alguns estudiosos, como Viana ([1995] 2004), Hertzman (2013) e Maria Cunha (2001 e 2008). O presente trabalho se propõe a trazer informações que possam ajudar a documentar essa discussão, e para isso realiza uma investigação de periódicos da cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX e a última do século XIX. A partir especialmente dos jornais “O Paiz”, “Correio da Manhã” e “A Noite”, foram buscados elementos que afirmem, ou neguem, a ocorrência de alguma forma de repressão à prática do Samba.

As investigações encontraram notícias que relatam proibição aplicada pela polícia ao Samba, com especial foco em instrumentos percussivos como o pandeiro, durante a Festa da Penha, que na época constituía a segunda maior festividade da cidade após o carnaval. Embora Sambas fossem ocasionalmente descritos como obtendo sucesso na festa, os instrumentos de percussão parecem ter sido forçosamente eliminados e as rodas de música aparecem sendo vigiadas de perto pela polícia. Esta repressão é fundamentada discursivamente numa suposta associação entre o Samba e atos criminosos. O Samba é descrito repetidamente como componente “selvagem” da cultura popular a ser eliminado por uma necessária busca por “civilização”. São também publicadas notícias que associam o Samba a crimes violentos, e algumas notícias de Sambas sendo encerrados por intervenção policial. A consulta aos periódicos notou uma associação entre o gênero musical e uma série de práticas como o jogo, a prostituição e o candomblé, que se classificavam na época como criminosas. Estas práticas são criticadas e aparecem na imprensa sendo perseguidas de maneira sistemática, com seus praticantes sendo regularmente aprisionados por operações policiais. Isto parece sugerir que a prática do Samba sofria perseguição não necessariamente per se, mas por se entender que este estava ligado a outras atividades criminosas. As colunas de opinião, matérias policiais, críticas e anúncios fonográficos apresentam, porém, um relaxamento nos relatos punitivos e nos discursos depreciativos ao Samba e ao Candomblé a partir da década de 30 especialmente com a entrada de uma postura nacionalista, folclorista e com uma aparente influência da indústria fonográfica, cuja publicidade de discos adota um discurso positivo ao gênero.

Se conclui que enquanto esse tópico na área de história do Samba tende a tomar um aspecto personalista, com foco no histórico criminal de sambistas famosos, essa pesquisa em jornais por meio da Hemeroteca Digital se mostrou capaz de registrar de modo mais abrangente um grande número ações práticas e discursos que, mesmo tomando em conta as diferenças editoriais dos periódicos e colonistas, documentam as nuances de uma política de estado repressiva que nem sempre se mostra tão evidente em códigos penais, fichas criminais ou depoimentos.

### **Palavras-chave:**

---

## **O circuito “Zona Sul” da Música Popular: aspectos e considerações sobre o trabalho lítero-musical e jornalístico de Ruy Castro**

*Manoel Messias Alves de Oliveira*  
*UNESP – manoel.oliveira@unesp.br*

### **Resumo**

Através de uma narrativa impregnada de recursos expressivos com investimento estético e literário e tom jornalístico, Ruy Castro trabalhou com uma dimensão interpretativa na confecção de suas obras sobre a música popular brasileira, possibilitando ao seu leitor imaginar e se inserir no contexto narrado. Essa dimensão interpretativa do autor se debruça em uma memória que nos possibilita visualizar a ligação de Castro com o circuito Zona Sul do Rio de Janeiro, no qual estão presentes as articulações e os contatos entre os personagens da música popular brasileira que frequentavam a “Noite do Rio”. Assim, essa dimensão nos permite enxergar uma seleção e determinação dos fatos históricos que apontam os personagens e lugares de memória que adentraram em seus trabalhos e aqueles que ficaram na sombra. Desse modo, pretendemos analisar a quem pertence essa memória Zona Sul e como as suas narrativas rememoram um circuito que recebeu notoriedade em detrimento de uma memória do morro que ainda é, muitas vezes, silenciada e marginalizada por uma memória institucionalizada, uma “memória de papel” que foi, ao longo do tempo, canonizada. Para isso, pretendemos trabalhar como o autor está ligado a esta memória canônica e como ele se relaciona com ela ao se deparar com fragmentos de letras de músicas, cartazes, capas de revistas, pôsteres, cartões postais, anúncios publicitários, recortes de jornais, imagens de LPs e com diversos mapas cariocas que, assim como os demais suportes, são representativos do espaço cultural frequentado pela elite letrada que compõe os seguintes livros do biógrafo: *Chega de Saudade: a história e as histórias da Bossa Nova* (2016) [1990]; *Carmen: uma biografia* (2005) e *A noite do meu bem: a história e as histórias do Samba-Canção* (2015). Logo, o objetivo dessa pesquisa é apresentar qual é a memória impulsionada por estas narrativas de Castro que circulam o período entre 1930 e 1960 e como ele, enquanto memorialista, se aproxima das relações, dos ambientes retratados, das ruas que cercavam essas noites cariocas envolvidas pelo Copacabana Palace, pelo Vogue, por diversas boates, cassinos e bares e pelas músicas de apartamento que ocupavam Leblon, Copacabana, Urca, Leme e Ipanema com seus respectivos personagens, dentre os quais podemos citar João Gilberto, Johnny Alf, João Donato, Billy Blanco, Ivan Lessa, Nara Leão, Lucio Alves e tantos outros que compõem as narrativas do jornalista e se configuram, portanto, como uma forma de manutenção de “mitos”, no qual o Samba e a Bossa Nova, pertencentes a uma linhagem da música popular brasileira, foram sacralizados.

**Palavras-Chave:** Ruy Castro. Memória. Música Popular Brasileira.

---

## **Ainda o Maxixe: Pequenos Flagrantes das Performances Musicais Afro-Diaspóricas em jornais do século XIX.**

*Marcus Mota*  
*UNB – marcusmotaunb@gmail.com*

### **Resumo**

Entre os documentos não contemplados pela pesquisa realizada por Jota Efegê (Efegê, 1974), temos diversos textos jornalísticos que apresentam outras faces da complexa e pervasiva performance musical de matriz africana denominada “Maxixe”. O exame desses documentos coloca em discussão opções interpretativas que privilegiam questões cronológicas sobre a origem do Maxixe e sua centralidade no Rio de Janeiro.

A partir do exame desses textos não utilizados por Jota Efegê, nota-se uma tensa história do Maxixe que, entre os extremos de apagamento/negação e apogeu/esplendor, manifesta negociações entre performances afro-diaspóricas e um projeto civilizatório nos trópicos.

Nesta comunicação, discuto em detalhe tais textos jornalísticos, em grande parte notas e notícias de cunho policial, que manifestam contraditórios aspectos entre os eventos descritos e sua valoração. Desse modo, no estreito espaço de uma coluna, justapõem-se perspectivas distintas sobre o modo pelo

qual as performances audiofocais africanas foram recebidas no Brasil e como elas se reelaboraram dentro do contexto colonial.

**Palavras-chave:** Maxixe. Performance. Negritude.

---

## MESA 3

### **Educação pela arte e a valorização do trabalho dos professores na crítica de Mário de Andrade para o *Diário Nacional***

*Erica Santana dos Passos*  
UNESPAR – [lepassos@yahoo.com.br](mailto:lepassos@yahoo.com.br)

#### **Resumo**

O trabalho estuda a crítica musical de Mário de Andrade no jornal *Diário Nacional* nos anos de 1927 a 1932, investigando o tema da educação musical e da educação pela arte. A partir da seleção, identificação e organização dos textos assinados pelo autor o tema da educação foi identificado como significativo entre as ideias de Mário de Andrade. Nos seus comentários sobre os quartetos, os corais e grupos musicais não deixava de destacar o trabalho dos professores de música, valorizando seu papel e dedicação em toda preparação. Em alguns dos seus textos publicados, realizou críticas quanto à técnica e desenvolvimento dos grupos, não esquecendo de mencionar nomes de músicos, maestros e regentes que eram também os professores da época. O trabalho busca compreender as preocupações do autor em relação a situação musical da nação no sentido educacional, incluindo a valorização do trabalho dos professores. A metodologia incluiu uma pesquisa documental, consultando os exemplares do jornal disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, partindo do conjunto dos textos pesquisados também por colegas do mesmo grupo de pesquisa, e fazendo uma nova seleção deste material sob a ótica do tema específico. Outra parte da pesquisa consistiu em levantamento bibliográfico sobre a vida e obra de Mário de Andrade, seu pensamento musical e sobre o modernismo. André Egg (2014), destaca a fase inicial de Mário de Andrade como crítico musical no *Diário Nacional*, suas publicações, vitórias, conflitos e desafios encontrados nesta fase. Jorge Coli (1972) já defendia a importância do estudo da crítica musical de Mário de Andrade para a compreensão do seu pensamento. André Botelho (2002) comenta em seus textos uma arte brasileira no pensamento do autor. Oneyda Alvarenga (1974), aluna e amiga pessoal de Mário de Andrade também é referência para pesquisas, reunindo documentos como cartas, objetos, lembranças e relíquias, documentos literários, sendo um acréscimo para o assunto, educação musical. A partir da análise é possível compreender um pouco mais do processo da educação musical no Brasil e como o autor entendia a importância da música e da valorização do trabalho dos professores na cultura e sociedade brasileira, tornando suas críticas para o jornal como peça fundamental para o desenvolvimento de suas ideias em projetos futuros de educação musical e artística, contribuindo para realizações na prática que foram aplicadas posteriormente. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior que está investigando o conceito de educação pela arte em textos de Mário de Andrade e suas ações no período em que foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo.

**Palavras-chave:** Mário de Andrade. Educação Musical. Professor. *Diário Nacional*.

---

## Lo dice la prensa. Las experiencias de música electroacústica y la escena en Uruguay, en las décadas de 1960 y 1970.

*Fabricia D. Malán Carrera*

*Universidad de la República, Uruguay – fabriciamalan@gmail.com*

### Resumo

La etapa experimental en la música electroacústica comienza en varios países latinoamericanos en la década de 1950. Sin embargo, en Uruguay no se manifiesta sino a partir de la década de 1960 en producción de música como ambientación sonora o música incidental relacionadas con el teatro y la danza, ambiente en el cual también se estaba incursionando en nuevas propuestas artísticas. Las condiciones compositivas dependían de las posibilidades y el alcance de la tecnología y la disposición de materiales adecuados para la tarea, lo que significó en primera instancia, experiencias en estudios radiofónicos y algunos pocos equipos personales. Los comentarios y críticas que aparecen en las publicaciones periódicas de las décadas establecidas, constituyeron un aspecto interesante del movimiento de música electroacústica en lo concerniente a su visibilidad en los medios de comunicación en Uruguay y la circulación de la misma a nivel regional particularmente. Los artículos de publicaciones periódicas de la época referida, en general no son críticas profundas a la obra musical, pero su presencia en los medios ya implicó una difusión y una movilización de factor «novedad». En este sentido, los comentarios periodísticos con respecto a la ambientación sonora de obras teatrales —así como también a las obras autónomas— difundidas a través de la puesta en escena, son comentarios de los propios compositores o sus colegas idóneos en la materia y también de periodistas poco o nada especializados en música. La utilización de fuentes hemerográficas uruguayas (el semanario *Marcha* y diarios: *El País*, *Época*, *El Día*, *La Mañana*) me ha permitido, por un lado, constatar la existencia de los primeros trabajos en la experimentación de la música electroacústica, los protagonistas visibles e invisibles (particularmente en los años bajo dictadura cívico-militar) y por otro lado, establecer el alcance de esta “nueva música”, la recepción y la puesta en tensión entre la tradición y la vanguardia. En este trabajo presento un panorama de las investigaciones realizadas a partir de artículos escritos por los propios compositores, notas y comentarios que dieron luz a las interpelaciones sobre la existencia de las experiencias en el campo de la música electroacústica en la década de 1960 en Uruguay.

**Palavras-chave:** Música eletroacústica. Publicaciones periódicas. Música y escena. Uruguay.

---

## MESA 4

### Luiz Heitor nas páginas da Revista Cultura Política

*Diego Wandal dos Santos*

*UNESPAR – diego\_wandal@hotmail.com*

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um panorama geral acerca do caráter da revista *Cultura Política*, com foco no crítico musical Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, e a coluna que produziu para a revista, de 1941 a 1945. A proposta é analisar o material produzido, que se encontra digitalizado na Hemeroteca Digital, e dar uma perspectiva da importância que este teve como objeto de pesquisa de crítica musical, bem como destacar a relevância do crítico e de seu trabalho para a cultura musical brasileira. Entre a fundamentação teórica e autores estudados, parte-se de Marcelo Câmara sobre a revista *Cultura Política* e o entendimento de seu diretor Almir Andrade sobre a relação dos dois termos que dão nome a revista, que é estrutural para a formação da publicação; e das considerações de Felipe Barros e Pedro Aragão sobre Luiz Heitor e a importância que caracterizou o seu vínculo com o governo Vargas para o seu sucesso como agente da cultura, nesse período de desenvolvimento da diplomacia cultural no país. A revista *Cultura Política* surge como meio de

propagação do ideário do governo Vargas, que tinha como forte característica o nacionalismo e a necessidade de basear o novo regime e vincular os problemas políticos às raízes culturais e às origens do país. Combinado com a forma pensada por Almir de Andrade, diretor da revista, de atribuir aos intelectuais o papel de intérprete nacional. Um dos principais meios recorridos pelo governo para vincular o regime a essa característica, foi através do folclore musical, que teve na linha de frente o musicólogo e folclorista Luiz Heitor Corrêa de Azevedo. Foi um nome que, através da imprensa, se mostrou de extrema importância para a musicologia e folclore musical, além da participação na consolidação de diversas instituições da área, por conta de sua influência política e vasto conhecimento em torno do desenvolvimento da música brasileira desde sua formação. Sua coluna na revista demonstra a profundidade em que o crítico estava em relação a todo cenário musical, que proporcionou esse registro de natureza completa e detalhada, contendo não apenas a contribuição sobre os compositores brasileiros e sua relevância, mas a representatividade da música brasileira internacionalmente; a reconstrução de teatros; a socialização da música em instituições de ensino, e outros temas significativos. Utilizando de referências bibliográficas e, principalmente, do estudo da produção do autor na revista e período já citados, o trabalho busca compreender a importância da sua produção para a construção da ideia de música brasileira.

**Palavras-chave:** Luiz Heitor. Revista Cultura Política. Crítica Musical.

---

## A crítica musical de Lúcio Rangel ou a Música Brasileira como tradição inventada

*Renata Leticia Marques*

UNESPAR – [renata.marques3@outlook.com](mailto:renata.marques3@outlook.com)

### Resumo

Lúcio Rangel teve uma grande atuação na imprensa exercendo o cargo de diretor da *Revista da Música Popular*, escrevendo para vários periódicos como as revistas *Manchete* e *A Cigarra* ou os jornais *Última Hora* e *Jornal do Brasil*, entre outros trabalhos. Seu principal período de produção foi entre as décadas de 1940 e 1950 tornando-se conhecido como parte de um grupo de críticos que repudiavam as influências estrangeiras como ameaças à autenticidade do samba que para eles era a verdadeira música nacional, com seu auge na década de 1930. Essa atribuição da autenticidade do samba foi uma ideia fundamental para a construção da identidade brasileira atrelada à música popular urbana. A importância da atuação de Lúcio Rangel vem sendo reforçada por diversos autores, como Wasserman (2002), Augusto (2007) ou Moraes (2000), entretanto ainda há carência de estudos aprofundados sobre sua produção.

O principal período de atuação de Rangel foi o momento em que inovações tecnológicas permitiam a maior disseminação da música e representavam uma mudança drástica e permanente na sua forma de produção e consumo. As pessoas que vivenciaram essas transformações tecnológicas, viram sua realidade sendo alterada pelo desconhecido. Esse trabalho visa analisar uma parte da produção de Lúcio Rangel sob o conceito de tradição inventada (HOBBSAWN, 1990; 1997). Conforme este conceito, a invenção da tradição se caracteriza em alguns casos por surgir como uma tentativa de tornar imutáveis alguns aspectos da vida em momentos de mudanças, além de ser um elemento importante dos nacionalismos do século XX. Outro elemento fundamental para a compreensão da formação do conceito de nacional é o de comunidades imaginadas (ANDERSON, 1983; 1991).

Os textos analisados nessa pesquisa são *A lição de Pixinguinha*, *Ismael*, *Lembrança de Sinhô*, *A guarda velha de São Paulo* e *Depoimentos* todos publicados pelo crítico na revista *Manchete* onde foi colunista desde 1953 até 1957. Nos quatro primeiros títulos Lúcio Rangel escreve vários trechos se referindo a Pixinguinha, Ismael Silva, Noel Rosa, Sinhô, Bororó (dentre outros) como os verdadeiros compositores de música popular. Já no texto *Depoimentos* o crítico assume uma postura diferente. Trata-se de uma denúncia aos plágios que aconteciam nos concursos de carnaval, sendo Ary Barroso um dos nomes que teve sua música copiada. É interessante observar a postura de Lúcio Rangel nesse título utilizando do termo “verdadeiros compositores” em sentido literal e em seguida afirmando que as opiniões que o acusam de saudosista estão equivocadas pois sua guerra não era contra os valores novos mas sim com os “falsos compositores” (ou seja, aqueles que plagiavam as músicas).

Os elementos de invenção da tradição, a qual une uma comunidade imaginada aparecem no trabalho do crítico de forma recorrente. As contradições presentes em suas falas são fundamentais para

compreensão das questões debatidas na época, portanto o estudo de sua obra é essencial para lançar luz a totalidade do pensamento dessa importante figura da história da crítica musical brasileira.

**Palavras-chave:** Lúcio Rangel. Samba. Tradição.

---

## MESA 5

### **Oscar Guanabarrino *Pelo Mundo das Artes*: métodos e processos em pesquisa hemerográfica**

*Jonas Silva de Almeida*

*UFPEL – silvadealmeida92@gmail.com*

*Luiz Guilherme Duro Goldberg*

*UFPEL – guilherme.goldberg@ufpel.edu.br*

*Rafaela Canez Camargo*

*UFPEL – rafaela.camargo.ufpel@gmail.com*

*Rebeca Klippel Brehm*

*UFPEL – rkbrehm1@gmail.com*

*Valmiro Pereira Machado Junior*

*UFPEL – miromusika@gmail.com*

#### **Resumo**

O seguinte trabalho está sendo realizado a partir da disciplina Práticas de Pesquisa em Ciências Musicais I, do Bacharelado em Música - Ciências Musicais, da Universidade Federal de Pelotas.

Durante a disciplina, a turma se engajou no projeto A Crítica Musical no Brasil, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Guilherme Goldberg e que, no momento, realiza a coleta de dados referentes às publicações do crítico musical Oscar Guanabarrino no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, onde atuou por vinte anos, de 1917 à 1937, e tem por objetivo a compilação das suas notícias musicais para a publicação de sua Antologia. O foco atual recai no período de 1930 à 1933.

Oscar Guanabarrino de Souza Silva (1851 - 1937) foi um dos mais importantes crítico musical e de artes do Brasil, sendo considerado por alguns pesquisadores como um dos pioneiros da crítica musical especializada. Também atuou como professor de piano, dramaturgo, dentre outros fazeres artísticos, destacando-se como uma figura polêmica e atuante na cena artística da época. Como jornalista, desenvolveu sua atividade como crítico musical nos jornais O Paiz e Jornal do Commercio, entre outros de menor abrangência.

Considerando-se que Oscar Guanabarrino era o responsável pelo folhetim Pelo Mundo das Artes, decidimos que, inicialmente, faríamos a compilação de todas as notícias dessa seção do jornal. Posteriormente, planejamos seguir para o rastreamento de outros escritos que porventura o autor tenha feito para esse jornal.

Os procedimentos metodológicos seguidos para esta pesquisa são: localização – identificar os escritos de Oscar Guanabarrino, de 1930 a 1933, referentes à assuntos musicais, com foco primeiro no folhetim Pelo Mundo das Artes; coleta – capturar as imagens digitalizadas do Jornal do Commercio, registrando os detalhes numa planilha compartilhada e arquivando as imagens capturadas com a devida sistematização; transcrição – transcrever e organizar os textos extraídos das imagens capturadas mantendo a grafia da época.

Seria adequado que, para a coleta das notícias, as imagens fossem baixadas, mas, devido a existência de direito de propriedade, não foi possível. Como o detentor dos direitos não mostrou interesse em franqueá-las à pesquisa acadêmica, a alternativa encontrada foi a realização de printscreen, o que limita a agilidade do processo. Em função disto, organizamos a coleta dos dados como um ano específico para cada participante, com posterior consolidação dos resultados.

Embora o folheto Pelo Mundo das Artes fosse semanal, o que poderia indicar um processo de coleta mais ágil, decidimos empregar também a ferramenta de busca do site da Hemeroteca Digital Brasileira, com o intuito de localizar outras possíveis publicações do crítico. No entanto, tal ferramenta não se mostrou plenamente eficiente, deixando de indicar muitas ocorrências ou mesmo indicando alguns homônimos. Com isso, a garimpagem pelas páginas do jornal não está descartada. Outro problema encontrado diz respeito à falta de foco em alguns jornais, devido a convexidade gerada pelo peso das folhas encadernadas. Por tratar-se de microfiches, sua leitura teria melhor resultado em leitoras de microfiches que no plano da tela de um computador. Mesmo sendo uma pesquisa ainda em desenvolvimento, já foi possível refinar e realinhar os processos utilizados, cujos resultados começam a aparecer, entre eles sua possível colaboração na seção Theatro e Música, além de mais informações biográficas e pseudônimos utilizados.

**Palavras-chave:** Oscar Guanabara. Pelo mundo das artes. Jornal do Commercio. Crítica musical.

---

## A crítica de Alexandre Levy: questões metodológicas

*Luiz Guilherme Duro Goldberg*  
UFPEL – [guilherme.goldberg@ufpel.edu.br](mailto:guilherme.goldberg@ufpel.edu.br)

*Marcele Pedrotti Dutra Meneses*  
UDESC - [marcele\\_pmeneses@hotmail.com](mailto:marcele_pmeneses@hotmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa insere-se no projeto A Crítica Musical no Brasil, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Ciências Musicais, da UFPel, e tem como foco de estudo as críticas musicais de Alexandre Levy, com o objetivo de publicar a sua Antologia de Críticas Musicais. Aqui, propõe-se a reflexão sobre os procedimentos metodológicos desenvolvidos a partir do diagnóstico das análises das notícias musicais encontradas no Caderno de Recortes de Notícias, compilado por algum membro da família Levy e encontrado no Acervo Levy. Compositor e crítico musical paulistano, Alexandre Levy (1864-1892) escrevia para o jornal Correio Paulistano (1870-1890) com pseudônimo de Figarote. Apesar de sua relevância para o cenário artístico no século XIX, suas críticas nunca haviam sido compiladas, analisadas e transcritas, à exceção da proposta feita por Arnaldo Senise que, lamentavelmente, não foi concluída.

Assim, a primeira fase da pesquisa lida com a aproximação às notícias encontradas nesse Caderno e a análise de suas origens e conteúdos. Com a sistematização de tais recortes de notícias, e através do cotejamento entre o registro neles anotado e o conteúdo do periódico identificado, foram observadas informações contraditórias e algumas lacunas, tanto na identificação de datas e colunas ou seções, tornando relevantes questões que confirmem as suas procedências. Nesse sentido, o preenchimento dessas lacunas está sendo desenvolvida junto a Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, na averiguação e confirmação das fontes registradas, bem como a garimpagem de notícias escritas por Figarote, mas não compiladas em tal Caderno de Recortes.

Quanto ao conteúdo das notícias atribuídas à Figarote, seus escritos preocupavam-se com a vida artística da cidade de São Paulo, elucidando nomes de músicos e compositores conterrâneos, além de chancelar a sua preocupação em “elevar” o gosto musical em sua cidade. Suas críticas também vislumbram nomes de companhias líricas, compositores e músicos estrangeiros, que excursionavam pelo país. Da mesma forma, a circulação dos músicos em suas apresentações pelos teatros e locais privados pode ser verificada nas críticas escritas por Figarote.

Por fim, o emprego dos jornais como fonte para a pesquisa musicológica tem se mostrado cada vez mais relevante. Mesmo sendo considerados veículos de comunicação opinativo, crítico, literário, informativo, seu conteúdo traz informações sobre o contexto artístico-musical de uma época, tornando-o uma fonte importante para o registro de como uma sociedade se apresenta em um jogo de poderes tanto político quanto estético. Com isso, a metodologia-teórica está centrada na história imediata, de Jean Lacouture (2005), e na memória de Joel Candau (2016), tendo como base o imediatismo e a história da recepção, que carrega o discurso jornalístico e sua memória em uma perspectiva social e coletiva.

**Palavras-chave:** Alexandre Levy. Figarote. Crítica musical.

---



# MESA 6

## Um tropicalismo endógeno: a dez anos da Guanabara e a um século de Londres

*Matteo Ciacchi*

*UFPB - ciacchi.matteo@gmail.com*

### **Resumo**

O ano de 1968 representou um marco cultural na música brasileira. O sucesso dos festivais da canção televisionados ajudava a consolidar a ideia de uma Moderna Música Popular Brasileira (MMPB, em seguida abreviada para MPB), que disputava comercialmente com a chamada Jovem Guarda. Nesse ano, um grupo de compositores e intérpretes baianos lançou as bases de um movimento que ficaria conhecido como tropicalismo, que entre outras coisas buscava fazer uma síntese entre as vertentes consideradas “rivais” da música brasileira. Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Tom Zé foram os responsáveis pelo grande alcance e sucesso midiático do movimento tropicalista. Entretanto, embora fossem todos baianos, o fenômeno tropicalista eclodiu no Sul do país, especialmente entre Rio de Janeiro e São Paulo, onde se concentravam os meios de comunicação e divulgação. Porém as ideias do tropicalismo encontraram imediatamente solo fértil na região Nordeste. Em abril de 1968, os pernambucanos Jomard Muniz de Britto e Aristides Guimarães redigem o primeiro manifesto tropicalista “Porque Somos e Não Somos Tropicalistas”, publicado no Jornal do Commercio com apoio do jornalista Celso Marconi, que também assinou o documento. Na Paraíba, Carlos Aranha, Marcus Vinícius e Raul Córdula lançaram em maio o manifesto “O Que É Nosso Tropicalismo ou ‘Vamos Desmascarar o Subdesenvolvimento’”. Posteriormente, poetas, artistas visuais e músicos do Rio Grande do Norte como Dailor Varela, Moacyr Cirne e Falves Silva se reuniram para um terceiro manifesto, “Inventário do Feudalismo Cultural Nordestino”, que contou também com as assinaturas de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que estavam de passagem em Recife. Esses manifestos sinalizavam a existência de um grupo coeso de artistas de vanguarda nos estados nordestinos que permaneciam produzindo mesmo longe dos grandes meios de divulgação midiática. Punham-se em discussão as limitações e peculiaridades de um conceito de arte vanguardista no contexto local de precariedade das instituições culturais, como afirma o ponto que abre o primeiro manifesto: “constatamos (sem novidade) o marasmo cultural da província. (Por que insistimos em viver a dez anos da Guanabara e a um século de Londres?)”. O manifesto paraibano explicita que a superação dessa condição envolve a “busca de suas próprias soluções”. Estes debates permearam a produção cultural do final da década de 1960, e tiveram reflexos em produções posteriores. Muitos desses debates se davam nas páginas dos jornais, especialmente nas colunas de crítica. Eventos públicos como os festivais da canção promovidos em João Pessoa, Campina Grande, Natal e Recife eram comentados por observadores tendo como plano de fundo o debate tropicalista. Neste trabalho, fizemos um levantamento hemerográfico inicial, primordialmente nos jornais A União de João Pessoa e o Diário de Pernambuco, de Recife, com o intuito de melhor historiografar esse momento da crítica artística no Nordeste brasileiro. Dessa forma podemos perceber que o que se convencionou chamar de tropicalismo não foi apenas o produto midiático construído pelo grupo baiano emigrado, mas que também refletia um ponto de vista endógeno de uma vanguarda artística nordestina.

**Palavras-chave:** Tropicalismo. Vanguarda nordestina. Contracultura.

---

# Folclorismo na crítica musical de Eunice Catunda

André Acastro Egg  
UNESPAR – andre.egg@unespar.edu.br

Millena Rossi Melchiorretto  
UNESPAR – millena.melchiorretto@outlook.com

## Resumo

A revista *Fundamentos*, publicada entre 1948 e 1955, com ligação com o Partido Comunista (PCB) se configura como uma revista de crítica cultural, incluindo crítica musical. A discussão folclorista na qual a identidade nacional teria como base as tradições do povo brasileiro aparece com frequência a partir da terceira edição. Na música, Eunice Katunda é a única mulher a escrever sobre o assunto para a revista. O objetivo desse trabalho é identificar contribuições da compositora para a construção da noção de música brasileira a partir dos seus textos publicados na revista *Fundamentos*.

Eunice Katunda, compositora, instrumentista e maestrina, apesar de ter integrado o grupo *Música Viva* - idealizado por Hans-Joachim Koellreutter e do qual participaram Cláudio Santoro, César Guerra-Peixe e Edino Krieger - e ter participado ativamente no cenário musical de sua época, não é objeto de estudos de muitas pesquisas. Apesar de ser mais conhecida por ser pianista, Eunice também contribuiu para o cenário da crítica musical, tendo publicado quatro textos para a revista *Fundamentos* no período de 1952 e 1954.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica. Inserida num contexto de outras pesquisas sobre crítica musical, foram escolhidos para análise três textos de Eunice Catunda, pelo interesse em investigar a produção crítica de mulheres. Para isso, foram consultados os exemplares da revista no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em busca de discussão sobre a questão do folclorismo na música brasileira. Para abordar o folclorismo, a revista *Fundamentos* e a Eunice Katunda, foram realizadas leituras, respectivamente, dos autores Luiz Rodolfo Vilhena, Renato Ortiz, André Egg e Eduardo Oliveira Santos e Carlos Kater.

Os textos escolhidos são, respectivamente: *Capoeira no terreiro de Mestre Waldemar*, que apresenta um caráter etnográfico acerca da capoeira, indicando elementos como a organização da prática, o lugar em que acontece, os participantes, a dança e a música; *Atonalismo, dodecafonía e música nacional*, no qual a autora afirma que não é possível fazer uma música de caráter nacional que atonal ou dodecafônica e faz uma autocrítica em relação ao seu engajamento de anos anteriores, já que a estética musical almejada pelo grupo *Música Viva* era justamente a dodecafonía; e *Dança de São Gonçalo em Ubatuba*, último texto publicado com autoria de Eunice para a revista *Fundamentos*, também é um texto de caráter etnográfico, sobre a Dança de São Gonçalo, realizada no litoral de São Paulo. Neste texto, a autora aborda menos os aspectos da música e mais os da dança.

**Palavras-chave:** Revista *Fundamentos*. Eunice Catunda. Música brasileira.

---

# MESA DE ENCERRAMENTO

## Os desafios para a crítica musical feita por mulheres no Brasil

*Christina Fuscaldo*

*PUC-Rio/Brown University – christinafuscaldo@yahoo.com.br*

*Kamille Viola*

*UBC – kamilleviola@gmail.com*

*Nayive Ananías*

*PUC-Chile – neanaias@uc.cl*

### **Resumo**

Nesta palestra delineamos algumas diretrizes da crítica musical feminina na primeira metade do século XX. Além de destacar o trabalho das cronistas do final do século XIX com ideais feministas, como Joana Paula Manso de Noronha e Sol Menor, e refutar a designação de Oscar Guanabara e Mário de Andrade como os precursores da crítica musical brasileira, apresentamos críticas como Lúcia Branco, Beatriz Leal Guimarães, Ondina Portella Ribeiro Dantas, Magdala da Gama Oliveira e Mariza Lira. Defensoras da música erudita, elas discutiam sobre quem encarnava “o brasileiro” na época. Através da escrita, essas “novas mulheres” ajudaram a desarticular a norma hegemônica do homem-redator.

# AUTORES

## (Curriculum vitae)

### MESA 1

**Anne Meyer:** Bacharel em música – Canto – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestrado em Música – Linha: Práticas Interpretativas - pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutoranda – Linha: Documentação e História da Música - pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora de História da Música e Prática de Música de Câmara nos cursos de Extensão Musical da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Soprano em atividade no cenário musical carioca. Maiores informações, ver: [www.annemeyer.com.br](http://www.annemeyer.com.br).

**Edilson Assunção Rocha:** Doutor e Mestre em Regência pela Escola de Música da UFBA. Possui graduação em Regência e Canto pela Escola de Música da UFMG.. Foi Presidente da ABRAPEM, Associação Brasileira de Performance Musical, gestão 2016-2018. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Regência Coral e Orquestral. Foi professor de oficinas de regência oferecidas pela FUNREI (atual UFSJ), UNIMONTES e UNESP. Regeu o Corpo Coral Estável da EMUFG, Madrigal da UFBA, Coral da FALE, Faculdade de Letras da UFMG, bem como a Orquestra e Coral Cantate, Orquestra de Câmara e Orquestra Sinfônica da UFBA, Sinfônica da UFMG, Camerata do Conservatório Padre José Maria Xavier, Orquestra Sinfônica de Nova Lima e outros grupos. É atualmente Professor Associado na UFSJ, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Música da UFSJ-PPGMUSI líder do grupo de pesquisa Grupo de Musicologia da UFSJ. É também compositor de música brasileira popular, com atuação na área.

**Carlos Fernando Secomandi:** Bacharel em Composição pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor de Estética da Faculdade de Música do Espírito Santo desde 1992. Presidente da Comissão Espiritosantense de Folclore na gestão 2017- 2019. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Desenvolve pesquisas nas áreas de musicologia histórica e etnomusicologia capixaba, tendo vários artigos publicados em anais e colaborações em obras autorais. Membro da Irmandade de São Benedito do Rosário de Vitória, é diretor musical da Filarmônica Rosariense, sobre a qual escreveu o ensaio Zabumba Peroá – notas musicais na Vitória antiga. Junto à Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda de Arassatiba resgatou as atividades da sua Banda de Sopros e a sua história com a publicação Memórias contadas e cantadas da Banda de Arassatiba. Atualmente é aluno do PPGMUSI da Universidade Federal de São João Del- Rei, sob a orientação do professor Edilson Assunção onde pesquisa a obra musical do compositor capixaba Arnulpho Mattos.

**Lucyanne de Melo Afonso:** Docente Adjunto da Universidade Federal do Amazonas, Curso de Música, Faculdade de Artes-FAARTES. Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia UFAM (2019). Possui Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - UFAM (2012), especialização em Música na área de Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música - CBM/RJ (2003) e graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística - Música pela UFAM (2001). Atua nos seguintes temas: educação musical, música e saúde, musicologia histórica e sociedade e cultura/música na Amazônia. Coordenou o III Simpósio Internacional de Música e da equipe de organização dos Congressos da ABEM (2017), ANPPOM (2018, 2020) e FAEB (2019) realizados em Manaus, foi vice-coordenadora do curso de Música no período de 2014 a 2020, coordena o Laboratório de Musicologia/Educação Musical e Coordenadora Acadêmica da Faculdade de Artes, UFAM.

**Rosemara Staub de Barros:** Docente Titular da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lotada na Faculdade de Artes/FAARTES. Coordenadora do Mestrado Profissional em Artes/ProfArtes - IES Associada (UFAM/UEA). Pesquisadora credenciada no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA/UFAM. Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música/ANPPOM (2020/2021). Possui doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (2002), Mestrado em Artes (Música) pela UNESP (1996) e graduação em Educação Artística

(Música) pela Faculdade de Artes Santa Marcelina (1980/1982). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Música na Amazônia e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Processos de Criação em Arte. Na pesquisa, têm experiência na área de Artes, com ênfase em Arte-Cultura, Arte-Educação, Artes Visuais e Educação Musical, atuando, principalmente, nos temas de pesquisa: Processos de Criação, Crítica Genética, Arte-Educação, Semiótica da Cultura e Educação Musical.

---

## MESA 2

**Alexei Alves de Queiroz:** Professor nos cursos de graduação em Música na Universidade de Brasília (UnB). Doutorando pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) na área de Teoria e História da Música com projeto de pesquisa em História do Samba e Rádio. Mestre em música e Graduado em Música Popular pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Sua atuação docente, pesquisas e publicações se desenvolvem nos campos da musicologia da música popular e teoria musical.

**Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas:** Professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Música na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Sua atuação docente, pesquisas e publicações se desenvolvem nos campos da teoria e análise musical. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa “A teoria anda só? Questões de história e reexame analítico em repertório tonal”.

**Manoel Messias Alves de Oliveira:** Graduado em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis - FCL/UNESP/Assis (2015 - 2018). Atualmente é bolsista de Mestrado Acadêmico Capes pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNESP (2019-2021), se comprometendo a estudar as narrativas lítero-musicais do jornalista, biógrafo e escritor Ruy Castro enquanto produções de memória. Desenvolveu Projeto de Pesquisa com bolsa de Iniciação Científica na área de História do Brasil, atuando nos seguintes temas: Biografia e Memória, Linguagem e Narrativa e Música Popular. É integrante do MEMENTO - Grupo de Pesquisa do Espaço Biográfico e da História da Historiografia, certificado no CNPq. Possui interesse em História Intelectual, História Cultural, História do Brasil, História da Música, (Auto) Biografia e Memória e Linguagem e Narrativa. E-mail: manoel.oliveira@unesp.br.

**Marcus Mota:** professor titular no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. É compositor, dramaturgo e ensaísta. Publicou diversos artigos e livros nas áreas de Dramaturgia, Estudos Clássicos, Filosofia, e Musicologia, como os recentes *Audiocenas: Interface entre Cultura Clássica, Dramaturgia e Sonoridades*. (Editora UnB, 2020); *Entre Música e Pintura: Kandinsky e a Composição Multissensorial* (Editora UnB, 2021).

---

## MESA 3

**Erica Santana dos Passos:** cursou Licenciatura em Música na UNESPAR- Campus de Curitiba II, completando a formação em 2019. No período de estágio, realizou em escola pública desde os anos iniciais ao ensino médio e em ONG. No período da graduação participou do programa de Iniciação Científica entre 2018 e 2019, sobre a crítica musical de Mário de Andrade. Logo após em 2020 entrou no mestrado em música na UNESPAR- Campus Curitiba I (EMBAP) na Linha 2- Música, Cultura e Sociedade, atualmente dando continuidade na pesquisa sobre a vida e obra de Mário de Andrade com novas propostas de investigações na área de educação musical e educação pela arte. Participação em grupo de pesquisa desde 2018.

**Fabricia D. Malán Carrera:** Licenciada en Musicología de la Universidad de la República, Uruguay; doctoranda en Musicología de la Universidad Católica Argentina; diplomado Iberoamericano en Patrimonio Sonoro y Audiovisual. Trabajos relacionados con los archivos sonoros: Centro de Documentación Musical Lauro Ayestarán (MEC), Archivo Zitarrosa (UdelaR-CIDDAE-MEC), Acervo Musical Valdense (privado), en Radiodifusión Nacional del Uruguay como coordinadora del Archivo Fonográfico y como programadora de Radio Clásica. Participación en diversos proyectos de investigación en la Universidad de la República desde el año 1996: Elaboración de Tesauro sobre

Música en lengua castellana, Archivo Jaurés Lamarque Pons, Archivo de Música Electroacústica Uruguay, La música popular en el Teatro Solís, la recuperación y análisis de los registros sonoros históricos de la Comedia Nacional y en la elaboración del Proyecto Archivo de Medios Públicos (SeCAN-MEC). Integrante del Grupo de Investigación GIDMUS – Grupo I+D “Música y Sociedad” (Universidad de la República) y colaboradora en la Red Iberoamericana de Preservación Digital de Archivos Sonoros y Audiovisuales.

---

## MESA 4

**Diego Wandal dos Santos:** Pós-Graduando em Educação Especial pela Universidade Única - Grupo Prominas. Mestrando em Musicologia no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual do Paraná - Campus: Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Linha de Pesquisa: "Música, Cultura e Sociedade". Licenciado em Música pela Universidade Estadual do Paraná, FAP (2017-2021).

**Renata Letícia Marques:** mestranda em Música pela Universidade Estadual do Paraná, pós-graduanda em Educação especial e inclusiva pela Universidade São Luís e licenciada em Música (2017-2020) pela Universidade Estadual do Paraná. Trabalhou como professora de artes de ensino fundamental II na Seed (Curitiba-PR) e atualmente é professora de ensino fundamental de séries iniciais no Colégio Positivo (Curitiba-PR). Participou de projetos de iniciação científica, os quais resultaram nos artigos: “O crítico Lúcio Rangel e seus textos sobre Carmen Miranda para a revista Manchete (2020)” e “Textos de crítica de Mário de Andrade para o Diário Nacional em 1932: uma discussão sobre personagens esquecidos na história da música brasileira (2019)”.

---

## MESA 5

**Jonas Silva de Almeida:** Graduação em andamento em Música - Ciências Musicais pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Brasil. Bolsista do(a): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, FAPERGS, Brasil. Professor de música no Instituto de Menores Dom Antonio Zattera, Pelotas.

**Rafaela Canez Camargo:** Possui graduação no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Foi bolsista de 2015 à 2018 no PET-Educação atuando em projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão na área da Literatura Infantil, visando promover o incentivo às práticas de leitura. Atualmente é acadêmica do Curso de Ciências Musicais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

**Rebeca Klippel Brehm:** Acadêmica do Bacharelado em Música – Ciências Musicais pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente atua com musicalização infantil. Compõe o naipe dos segundos violinos na Orquestra de Cordas da UFPEL. No Simpósio Internacional Alberto Nepomuceno (2020) e IV Simpósio Internacional Música e Crítica, atuou voluntariamente como designer das artes de divulgação, na organização do evento, na elaboração dos cadernos de resumos e, no primeiro evento, como revisora dos artigos submetidos. No V Simpósio Internacional Música e Crítica, atuou voluntariamente como designer das artes de divulgação e organizadora dos cadernos de resumos. cursou teoria musical, flauta doce, violão, violino e regência coral no Curso Intensivo de Diaconia em Música no Instituto Seminário Concórdia.

**Valmiro Pereira Machado Junior:** Graduando no Bacharelado em Ciências Musicais na Universidade Federal de Pelotas - UfpeL. Aluno bolsista do Nump - Núcleo de Música Popular UFPEL – 2020. Artigo “Se eu fosse alguém: arranjo coral colaborativo como ferramenta de ensaio virtual do Coral UFPEL” apresentado no VI Congresso de Ensino e Graduação da 6ª semana integrada UFPEL. Músico, produtor musical, compositor e educador musical. Lançou em 2021 o álbum Laranjal em Cena com documentário e um artigo de pesquisa sobre a Cena Musical do bairro Laranjal.

**Marcele Pedrotti Dutra Meneses:** Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) na linha de pesquisa Teoria e História. Possui mestrado (2020) no programa de Pós-Graduação em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) durante o mestrado foi bolsista capes. Graduada em música no curso de Ciências Musicais Bacharelado (2017) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que durante a graduação foi bolsista Fapergs, participando do grupo de pesquisa em estudos interdisciplinar em ciências musicais no projeto Orquestra Hermínio de Moraes: Flash da vida Privada. Em relação aos grupos de pesquisas integra o Música, Cultura e Sociedade (MusiCs) pela UDESC e do PatriMusi - Grupo de Pesquisa Patrimônio Musical no Brasil, do (a) Universidade Federal do Pará.

**Luiz Guilherme Goldberg:** Possui graduação em Canto e Instrumentos - Bacharelado em Piano pela Universidade Federal de Pelotas (1986), mestrado em Música, com ênfase em Práticas Interpretativas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), onde também concluiu seu doutorado em Música - Musicologia (2007). A tese aí desenvolvida (Um Garatuja entre Wotan e o Fauno: Alberto Nepomuceno e o modernismo musical no Brasil) foi distinguida com menção honrosa no Prêmio Capes de Teses 2008. Possui pós-doutorado na linha de Musicologia Histórica junto ao CESEM, FCSH, na Universidade de Lisboa, onde desenvolveu a pesquisa. À procura de Artémis, que trata do psicodrama lírico Artémis, de Alberto Nepomuceno. Atualmente é professor associado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

---

## MESA 6

**Matteo Ciacchi:** Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Práticas Interpretativas (habilitação em Violão Clássico) e mestrado em Musicologia, ambos pela mesma instituição. Sua pesquisa atual procura estabelecer as bases para uma historiografia do conceito de vanguarda musical na região Nordeste, com foco nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Atua como baixista no grupo musical banda-fôrta e como performer e pesquisador no coletivo Artesanato Furioso.

**André Egg:** Licenciado em Música pela antiga EMBAP, hoje UNESPAR, Mestre em História pela UFPR e Doutor em História Social pela USP. É professor da UNESPAR, nos cursos de Licenciatura em Música e Bacharelado em Música Popular, com disciplinas de História da Música e Música no Brasil. É professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Música da UNESPAR (linha de pesquisa Música, Cultura e Sociedade) e no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR (linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa). Um dos organizadores do livro "Arte e política no Brasil" (Editora Perspectiva, 2014). Organizador do livro "Música, cultura e sociedade: dilemas do moderno" (Editora CRV, 2016). Autor do livro "A formação de um compositor sinfônico: Camargo Guarnieri entre o modernismo, o americanismo e a boa vizinhança" (Editora Alameda, 2018). Tem orientado pesquisas sobre crítica musical e temas correlatos em nível de Graduação, Mestrado e Doutorado.

**Millena Rossi Melchiorretto:** Acadêmica do Bacharelado em Música Popular pela Universidade Estadual do Paraná. Foi Assistente de Produção do Projeto Tempo de Sentir, realizado em 2019 através do incentivo da Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná – Celepar, apoio do Coro da Universidade Federal do Paraná – UFPR e realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba. Atualmente é Assistente de Produção no Projeto Filme Antigo - pequeno álbum de canções para voz e piano, realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba. Participa do segundo projeto de Iniciação Científica. Possui experiência com elaboração de projetos culturais.

---

## MESA DE ENCERRAMENTO

**Christina Fuscaldo:** Formada em Jornalismo (UniverCidade) e em Letras (UFF). Mestre e doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, atua como jornalista de música desde 1999 em jornais, revistas e portais (Extra, O Globo, Rolling Stone etc). Autora dos livros "Discobiografia Legionária" (LeYa, 2016), "Discobiografia Mutante: Álbuns que revolucionaram a música brasileira" (Garota FM Books, 2018) e "Viver é melhor que sonhar: Os últimos caminhos de Belchior" (Sonora Editora, 2021), Chris Fuscaldo é também fundadora e diretora da editora Garota FM Books e, em 2021, assumiu a direção do selo Niterói Livros, da Fundação de Arte de Niterói / Prefeitura de Niterói.

**Kamille Viola:** Jornalista e autora do livro "África Brasil: Um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver" (Edições Sesc), finalista do Prêmio Jabuti em 2021. Atualmente, é repórter da revista Veja Rio. Tem passagens e colaborações por veículos como UOL, O Estado de S. Paulo, Trip, O Dia, O Globo, Folha de S. Paulo, Billboard Brasil, Bizz, Marie Claire, Canal Futura e News Deeply, entre outros. Ganhou o Prêmio Imprensa Embratel 2009 e o Prêmio Petrobras de Jornalismo em 2014. Fez parte de júris como o da Chamada Petrobras Música em Movimento 2019, o do Edital de Cultura Oi Futuro 2019 e o do In-Edit Brasil – Festival Internacional do Documentário Musical 2021, entre outros.

**Nayive Ananías:** Jornalista e Mestre em Musicologia Latino-Americana pela Universidade Alberto Hurtado, Chile. Ela tem trabalhado em vários meios de comunicação e em projetos de pesquisa sobre música e gênero. Atualmente, está concluindo sua tese de Doutorado em Artes com menção em Música pela Pontifícia Universidade Católica do Chile. Suas linhas de pesquisa estão vinculadas à música popular durante as ditaduras na América do Sul, às cenas musicais queer e ao estudo da crítica musical feminina, tanto no Brasil quanto na América Latina.





